

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Submeto à consideração dos nobres Pares o Projeto de Resolução que objetiva conceder a Comenda Pedro Weingärtner ao Artista Plástico Vitório Gheno (Vitorino Gheno), na forma da Resolução nº 1.244, de 15 de agosto de 1994.

Há toda uma história de vida a ser contada. Preferi, assim, apresentá-la em duas partes. Uma, em que ele fala de si, com a publicação do livro de artes intitulado “Gheno, Artista Plástico”, de julho de 2006, e, outra, com sua biografia – pesquisa e texto de Nádia Raupp Meucci –, de novembro de 2006.

“EU, VITÓRIO.

Conhecer e contemplar, em 1950, a arte rupestre pré-histórica nas Cavernas de Altamira, município de Santillana Del Mar, pertencente à comunidade autônoma da Cantabria, no norte da Espanha, foi fundamental para mim. São pinturas milenares que expressam uma arte ‘atual’ e de uma singeleza, simplicidade e beleza sem limites, apesar do tempo, do tema, da técnica e do material utilizado pelo homem há 14.000 anos atrás.

Sempre desenhei. Desde pequeno. Desenhava tudo e em tudo. Qualquer tema. A primeira lembrança que tenho é de um desenho que fiz da Santa Teresinha, uma imagem que minha mãe guardava. Nem lembro se já tinha cinco anos....

Aos 14 anos, iniciei minha atividade profissional e artística. Já sabia desenhar há muito tempo. A primeira técnica que aprendi foi a litografia, na Globo. Em pouco tempo estava na Seção de Desenho, com Zeuner e outros artistas. Aprendi muito lá, inclusive a ‘desenhar’ letras e números. Assim, eu conheci as ‘famílias’ das fontes. Zeuner foi um grande *condottiero*. E Henrique Bertaso, pioneiro e destemido, crédulo e visionário, foi o responsável pela maior editora de livros e revistas do Brasil no passado, a Livraria e Editora Globo em Porto Alegre, onde foi criada uma das maiores e melhores revistas que o país já teve, a Revista do Globo, conhecida no Brasil inteiro e Argentina, na qual tive o privilégio de ser ilustrador. Nos anos 50, quando vivi no Rio de Janeiro, illustrei contos de grandes escritores brasileiros na Revista Manchete, da Bloch Editores, cujo título atualmente é propriedade da Editora Manchete, que tem Marcos Dvoskin, jornalista gaúcho, como presidente e editor. Quando fui diretor de arte da McCann Erickson, criei o *layout* da Revista Manchete nº 1, lançada em 1952, imediatamente aprovado por Adolpho Bloch, que mais tarde tornou-se meu amigo.

A minha preocupação maior é o desenho. Sempre foi. Eu ‘disciplinei’ meus desenhos e dominei todas as técnicas, nas artes gráficas e plásticas, através de um trabalho e estudo dedicados e constantes. Penso que me aprimorei. O desenho é fundamental. O artista plástico tem que saber desenhar. Ilustrei muitos livros. Foram milhares de ilustrações para editoras brasileiras e argentinas; um permanente fomento para minha imaginação.

Viajei por muitos países. Sempre prestei atenção na arquitetura, nas cidades, nas metrópoles, na natureza, nas pessoas, em todos os detalhes. Observo e tudo fica gravado na minha memória. Lembro de tudo.

Depois de viver em Buenos Aires, Paris e Rio de Janeiro por mais de uma década atuando como artista plástico, iniciei minha atividade de decorador de interiores em Porto Alegre, no fim dos anos 50, quando ainda nem se usava no Brasil a palavra ‘decorador’. Entretanto, nunca abandonei as artes plásticas, que foi fundamental em tudo que fiz até hoje. No Rio, convivi muito com o artista Joaquim Tenreiro, um gênio da arte mobiliária, de quem tive o privilégio de ser amigo. Com ele aprendi a calcular corretamente as proporções de um móvel, a fim de atingir leveza e funcionalidade. A partir de então, passei a criar todo o mobiliário que utilizei nos projetos de decoração que assinei, sendo a hotelaria a área de minha preferência, na qual atuo até hoje. Mas jamais deixei de desenhar e pintar. As artes plásticas e a decoração são atividades complementares em minha vida profissional.

Criei centenas de litografias para ambientar os diversos hotéis que decorei no Brasil, além de incluir também obras de outros artistas, sempre valorizadas por mim em meu trabalho. Ainda faço litografia, porém, nos anos de 70 e 80 realizei em larga escala.

A técnica a óleo é usada por mim desde os anos 40. A partir de 2000, comecei a pintar a série Aldeias Urbanas. É uma inquietação muito antiga. Já registrei o tema em litografias quando desenhei as palafitas do Rio Negro, no Amazonas, nos anos 80. Aldeias Urbanas é ‘atual’ há muito tempo. Muitas nuances dessas ‘aldeias’ que circundam as cidades e as metrópoles refletem minha observação do mundo atual, em qualquer parte dele. É uma constatação de fatos e da realidade e, ao mesmo tempo, uma incrível alegria de cores. Atualmente, a constatação desse tema está cada vez mais forte.

Aprecio a arte existente nos limites da escassez. Minha observação é quase investigativa. Tudo o que observo é dirigido para o desenho e para a pintura. E o resultado é a soma de minhas observações e inquietações acumuladas numa vida inteira. A pintura, como qualquer outra forma de expressão, é um acúmulo de observações, sentimentos e inquietações. O que eu observo aqui, observo em qualquer lugar do mundo. O que pinto aqui, pinto em qualquer lugar. É universal, ape-

sar de eu ser também um pintor de província. Não importa onde eu esteja. Importa o que eu observo e gravo em minha memória, pois a mente não possui fronteiras.”

Biografia:

Vitório Gheno (Vitorino Gheno – seu nome de batismo) é artista plástico, artista gráfico, ilustrador, gravador, aquarelista, desenhista, jornalista, publicitário, designer de mobiliário e objetos, antiquário, decorador de interiores e decorador especializado em hotelaria.

Nasceu no dia 26 de outubro de 1923, em Muçum, Rio Grande do Sul, Brasil. É filho de Nicolau Gheno e de Adelina Romagno Gheno. Seus pais descendem de famílias de italianos vindos do Vêneto e bem-sucedidos no Brasil: moageiros, vinicultores e comerciantes.

Com quatro anos, Gheno e os pais fixam domicílio em Porto Alegre, na Rua 24 de Outubro, ao lado do antigo Prado Velho, atual Parcão. É alfabetizado no Colégio Rosário e, com oito anos, é matriculado no Colégio Dante Alighieri, onde a maioria dos alunos tem origem italiana. Lá, ocorre o primeiro contato com os primorosos livros italianos de arte, importados da Itália. Os livros didáticos italianos também eram ilustrados com o mesmo primor. Surge, então, em Vitório, a curiosidade sobre a arte, com as primeiras manifestações no desenho. Seu professor italiano – Leda Luiggi – questiona seu nome de batismo, Vitorino, dizendo que Vitório é um nome mais bonito e “mais italiano”. O menino gosta e, a partir de então, adota o nome Vitório. O professor Luiggi é seu “primeiro mestre”.

Essa é a época das histórias em quadrinhos. “Globo Juvenil” e “Suplemento Juvenil” – “jornais de tiras” – apresentam este tipo de narrativa ilustrada. Gheno é fascinado pela anatomia humana das ilustrações de Alex Raymond em “Flash Gordon” e “Jim das Selvas”; de Harold Rudolph Foster em “O Príncipe Valente” e “Tarzan”, e de Milton Caniff em “Terry e os Piratas”.

Com quatorze anos de idade, na década de trinta, começa a estudar à noite, no Colégio Anchieta, manifestando interesse pelo trabalho profissional adulto durante o dia. Instigado pelos primos “italianos” mais velhos, começa estágio na Alfaiataria Michel, na Rua dos Andradas – mais conhecida como Rua da Praia –, bem em frente à antiga Loja Bromberg. Armando Meconi, o proprietário da alfaiataria, é um italiano rico, conhecido tenor e colecionador de arte. Ele ocupa lugar de destaque no meio artístico e representa, com grande sucesso, em 1937, um dos personagens centrais da famosa ópera “Farrapos”, composta pelo prestigiado maestro gaúcho Roberto Eggers e encenada por Emílio Baldino (Da Opera, 1937). Na alfaiataria, Vitório só desenha; desenha até nos cadernos do proprietário. Convive com os artistas que freqüentam o ateliê, um verdadeiro ponto de arte. Ângelo Gui-

do, Antônio Caringi e Tasso Corrêa estão entre os que circulam pelo lugar. Gheno é assíduo na Livraria do Globo, sempre atraído pelos livros de arte importados e pelas ilustrações. Busca aparas de papel importado no depósito de papéis da Livraria. Voltando para a alfaiataria, continua a desenhar. Meconi não se incomoda, pelo contrário, incentiva o adolescente artista a desenvolver o desenho e lhe franqueia os livros de arte. O tenor-alfaiate-colecionador-de-arte foi seu “segundo mestre”. O pouco tempo em sua loja foi suficiente para integrá-lo definitivamente no mundo da arte.

A frequência na Globo chama a atenção de Mariano Sanvicente, gerente da Livraria. Um dia, ele aproxima-se de Gheno e pergunta, com curiosidade, a razão de tantas aparas. O garoto responde que as usa para desenhar. Sanvicente, então, pede para ver seus desenhos. Uma vez em suas mãos, os desenhos vão imediatamente para a mesa de Ernst Zeuner, alemão radicado em Porto Alegre, chefe e “professor” da famosa Seção de Desenho da Livraria do Globo. Sanvicente e Zeuner ficam encantados com os desenhos. Imediatamente, Gheno é contratado como aprendiz. É 1938. Ali, inicia sua vida artística, na Seção de Impressão Litográfica. Litografia, aliás, é a primeira técnica que Gheno aprende, a mesma usada por Toulouse Lautrec em seus cartazes, que deram tanta fama ao “Moulin Rouge”. Em poucos meses, Gheno tem sua própria mesa na Seção de Desenho da Globo, onde trabalham outros grandes artistas rio-grandenses. A Seção fica no último andar do prédio nº 1416 da Rua da Praia, de onde pode ser visto o estuário do Guaíba. Zeuner, seu “terceiro mestre”, é reconhecido por Gheno como uma pessoa de grande valor em sua vida. De aprendiz de litografia a ilustrador da Revista do Globo, foi um passo rápido na vida do jovem artista.

Ilustra dezenas de contos da Revista do Globo, de escritores consagrados como Cyro Martins, Rubem Braga, Vinícius de Moraes, Athos Damasceno, Justino Martins, Lygia Fagundes Telles, Fernando Sabino e Darcy Azambuja, entre outros. Ilustra outras revistas, como “Mistério Magazine”, e cria capas para a “Coleção Amarela”. Ilustra livros inteiros como Gil Braz de Santilhana, de Le Sage (Le Sage, 1943). Cria a capa para “Servidão Humana”, de Somerset Maugham (Maugham, 1939), entre outras. É um dos ilustradores principais do grande Dicionário Enciclopédico Brasileiro Ilustrado, da Editora Globo, cuja elaboração dura cerca de dez anos, com a primeira edição em 1943 (Magalhães, 1951). Faz mais de trezentas ilustrações – nunca publicadas – para histórias do alemão Karl May. Também, cria anúncios e reclames para o Departamento de Publicidade da Globo. Mais tarde, nas décadas de 50 e 60, cria as capas dos livros de Érico Veríssimo, em “México” (Veríssimo, 1957), e de George Orwell, em “A Revolução dos Bichos” (Orwell, 1964), da Editora Globo.

“Zeuner incentivava a liberdade de criação dos artistas da Seção, porém era muito rigoroso e exigia a repetição do desenho até esse ficar perfeito”, diz Gheno. “Com ele, aprendi a ‘desenhar’ as letras e os números.” Nessa época, são seus amigos e colegas na Globo: Honório Nardin, João Mottini, Edgar Koetz, Edgar Klettner, Gastão Hoffstetter, Edla H. Silva (estes últimos três eram primos), João Faria Vianna, Nelson Boeira Fäedrich, João Fahrion e outros. “Érico Veríssimo era assíduo freqüentador da Seção, onde ia para exercitar seus dotes artísticos.”, conta Gheno. A Seção de Desenho era uma “verdadeira universidade”, e Gheno teve o privilégio de participar dela em sua melhor fase.

Em 1942, Gheno participa do 1º Salão Moderno de Artes Plásticas do Rio Grande do Sul, com a obra “Isadora Duncan”, pintada com tinta de impressão sobre uma tampa de madeira de marmelada, a mesma que usa como palheta. Os jovens artistas Vitório Gheno, Honório Nardin e João Mottini, grandes amigos e colegas da Seção de Desenho da Livraria do Globo, são revelados fora do Instituto de Belas Artes. Com o artista João Faria Vianna, os três aprendem as primeiras noções de aquarela, dentro da própria Globo.

A Segunda Guerra Mundial não havia terminado, portanto é necessário solicitar autorização do Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, para viajar à capital argentina. Gheno não é chamado para combater na Guerra, pois seu nome é um dos últimos da lista.

Em 1945, Gheno está em Buenos Aires, em busca de novas oportunidades, onde permanece até meados de 1947. A vontade de aprender, trabalhar e sua grande determinação levam o destemido artista diretamente para as grandes editoras e agências argentinas, nas quais cria capas e ilustra livros de autores mundialmente conhecidos. Ilustra, também, revistas, além de trabalhar na criação de anúncios de propaganda. Freqüenta o ateliê de diversos artistas argentinos consagrados.

Em meados de 1946, volta, por pouco tempo, a Porto Alegre, a fim de buscar seus colegas artistas João Mottini, Honório Nardin, Edgar Klettner, Edgar Koetz e Paulo Flores. Nos dois meses de estada em Porto Alegre, antes de retornar a Buenos Aires, Gheno faz as ilustrações e a capa do livro “David Copperfield”, de Charles Dickens, publicado em agosto de 1946 (Dickens, 1946) pelas *Ediciones Peuser*, em Buenos Aires. O fotógrafo Salomão Scliar descobre Gheno e faz uma grande reportagem para a revista “O Cruzeiro”, com textos do escritor Josué Guimarães (Guimarães, 1946).

Durante os anos em que vive em Buenos Aires, Gheno trabalha nas agências de propaganda Proventas e Grant. Trabalha em várias editoras famosas, de livros e de revistas, como Atlântida, Sopema, Peuser e Kraft. Cria capas e ilustra livros inteiros como “Colón Navega”, de C. Walter Hodges, publicado em 1945 também pela Peuser (Hodges, 1945). Trabalha nas revistas Atlântida, Parati, El

Hogar, Stampa e Maribel. Recebe o Prêmio do Salão Nacional da Escola de Artes de Buenos Aires, tendo duas aquarelas expostas. Torna-se amigo de Monteiro Lobato, que conhece viajando por El Tigre.

Em 1947, volta sozinho para Porto Alegre, em busca, mais uma vez, de novos trabalhos.

Continua colaborando com a Editora Globo e agora, também, com a Empresa Jornalística Caldas Junior. É o ilustrador das personalidades impressas na primeira página do Jornal Correio do Povo. Também, ilustra a Folha da Tarde. Vitório Gheno é o autor e ilustrador das primeiras crônicas ilustradas da Revista do Globo: “O Baile de Sweepstake” (Gheno, 1947c), “Copacabana” (Gheno, 1947a) e “Dezembro” (Gheno, 1947b), publicadas em 1947. Seguem-se as crônicas “Moinhos de Vento” (Gheno, 1948b) e “Bahia” (Gheno, 1948a), publicadas em 1948. Nessa época, cria reclames e anúncios para o Departamento de Moda das Lojas Renner.

Realiza, em 1947, na cidade de Porto Alegre, importante exposição individual, com sucesso de público e de crítica, na Galeria Studio Os Dois, uma das primeiras galerias surgidas na Cidade. Entre as aquarelas e desenhos, são expostos os originais do livro “David Copperfield” e aquarelas feitas no “Teatro de Comédia de Buenos Aires” (Martins, J., 1947), que Vitório trouxe da Argentina. A exposição é um sucesso e todas as obras são vendidas.

Em 1948, Vitório Gheno e Paulo Osório Flores são convidados a participar de viagem de estudos de arte – nos meses de janeiro e fevereiro, para Salvador, Bahia, e cidades históricas de Minas Gerais – organizada pela Associação Araújo Porto Alegre, junto com estudantes de artes e de arquitetura do Instituto de Belas Artes. Plínio Benhardt, Luis Fernando Corona, Emílio Ripoll e Roberto Bins estão entre os escolhidos. Dois professores do Instituto acompanham os jovens artistas: Fernando Corona (Caraça, 1977), escultor, e Ernani Corrêa. O fotógrafo do Correio do Povo, Santos Vidarte, também participa da excursão. Duas exposições são realizadas, em Salvador e em Belo Horizonte, com grande sucesso. Em Porto Alegre, uma terceira exposição é organizada com grande êxito, na Livraria Kosmos, onde se destacam Vitório Gheno e Paulo Flores. Em Minas Gerais, Gheno desenha os “Seminaristas de Caraça”, jogando futebol com as batinas arregaçadas, com o mesmo humor que até hoje habita suas obras. Gheno e Alberto da Veiga Guignard se conhecem em Belo Horizonte e se tornam grandes amigos. Guignard já conhece Gheno por meio de suas ilustrações na Revista do Globo.

Paulo Fontoura Gastal, Osvaldo Goidanich, Vitório Gheno e outros fundam, em 1948, o Clube de Cinema de Porto Alegre. Nessa época, Vitório e Fernando Moreira, acompanhados de outros amigos, produzem e dirigem o filme amador “Passos na Madrugada”.

Nos anos de 1948 e 1949, Vitório Gheno já é um conhecido artista plástico, com grande domínio do desenho e das técnicas, e grande sucesso de público, de crítica e de vendas.

Em 1949, Gheno realiza duas exposições individuais importantes e de grande sucesso: em abril, na Casa das Molduras, e em setembro, no Auditório do Correio do Povo. Esta última talvez seja sua mostra individual mais importante. Sucesso total. Todas as obras vendidas: desenhos, óleos, guaches, creiom, bico-de-pena, aquarelas. Josué Guimarães e Gheno lançam o Jornal “D. Xicote”. Mais tarde, na metade da década de 50, aparece a coluna “D. Xicote” no “Jornal A Hora”, novamente com desenhos de Gheno e textos de Josué (Schirmer, 2000). Nos últimos anos da década de 40, viaja com frequência para o Rio de Janeiro, levando capas para as revistas cariocas “Rio”, “Sombra” e “Rio Magazine”, publicadas com sucesso. Nessa época, conhece os Diretores da Agência McCann Erickson do Brasil.

No início de 1950, Gheno está em Paris. Apesar de ter feito matrícula para obter bolsa de estudos na capital francesa, Gheno não espera a resposta e viaja para a Europa com suas próprias economias, provenientes da venda de suas obras nas várias exposições individuais realizadas entre 1947 e 1949. Chega a Cannes, na Côte d’Azur, de transatlântico, onde permanece por um tempo. Lá, encontra-se com José Morais. Estuda e trabalha em Paris por dois anos, aperfeiçoando-se em gravura, principalmente em litografia e água-forte. Gheno utiliza o mesmo ateliê de Georges Braque e Pablo Picasso, onde cria e imprime suas litografias. Além deles, conhece Christian Berard, Jean Cocteau, Marc Chagall, Marcel Vertes, Jean Paul Sartre e sua musa, Juliette Greco. Convive, em Paris, com os artistas brasileiros Antônio Bandeira, José Morais, Carlos Scliar, Iberê Camargo, Cândido Portinari, Genaro de Carvalho, Cícero Dias, Danúbio Gonçalves e Clóvis Graciano, entre outros. Antônio Bandeira, Genaro de Carvalho e Gheno tornam-se amigos e estudam arte juntos. Genaro é chamado às pressas ao Brasil, em 1950, para pintar o imenso mural Festas Regionais, na área do *coffee-shop* do famoso Hotel da Bahia (Di Marco, 1987), e utiliza a técnica da *têmpera a ovo*, com 800 dúzias de ovos gastos em 18 meses de pintura. Nos anos 80, Genaro já falecido, seu amigo Gheno é convidado para assinar o projeto de decoração do mesmo hotel, que está sendo ampliado e reformado pela Rede Tropical de Hotéis, do Grupo Varig. O novo hotel Tropical da Bahia inaugura com o projeto de decoração assinado por Vitório Gheno. Para as áreas do *hall*, no térreo, e do salão de eventos, no primeiro andar, Gheno encomenda a Carybé, seu amigo, dois imensos murais de concreto com temas baixos.

Convivem com Gheno, em Paris, nos anos 50, o Jornalista Flávio Alcaraz Gomes e o Escritor Justino Martins, colegas do “Jornal Correio do Povo” e

da Livraria do Globo, respectivamente, entre outros artistas, escritores e jornalistas brasileiros e gaúchos.

Gheno conhece Madame Grees, Casa de Alta Costura, para quem faz padronagens de tecidos. Freqüenta os desfiles da alta costura parisiense e envia suas ilustrações para o Brasil. Realiza desenhos e estudos junto ao Ballet Internacional do Marquês de Cuevas, em Paris. Faz trabalhos para uma agência subsidiária da McCann Erickson em Paris. Colabora, de Paris, com a Revista “O Globo”, Revistas “Sombra”, “Rio”, “Rio Magazine” e Jornal “Correio da Manhã”.

Apenas cinco horas depois de voltar ao Brasil, em 1951, Gheno é contratado, no Rio de Janeiro, como diretor de arte e criação da McCann Erickson. Armando de Moraes Sarmiento é o Presidente, e Emil Farhat o Vice. A McCann, uma agência americana com larga experiência em *marketing* e propaganda, está há pouco mais de dez anos no Brasil. Nessa época, a maioria dos grandes anunciantes tem sede no Rio, bem como a grande maioria das grandes agências de propaganda nacionais e estrangeiras. “Isto faz um Bem...”, *slogan* da campanha publicitária da Coca-Cola, é criado pelo Poeta e Escritor J.G. de Araújo Jorge e por Vitório Gheno, na McCann. Gheno é o responsável pelo estudo e pela criação do *layout* da primeira Revista “Manchete” (lançada em 26 de abril de 1952), imediatamente aprovados por Adolpho Bloch, que se torna, mais tarde, seu amigo.

Quando o Departamento Editorial e de Criação foi criado na Editores Bloch, Gheno passa a colaborar com a Manchete fora da McCann, mas continua sendo responsável por outras contas na agência. Iberê Camargo e Paulo Flores também colaboram com a nova revista criada para competir com “O Cruzeiro”. Ilustra contos de Fernando Sabino, Lygia Fagundes Telles, Orígenes Lessa, Afonso Arinos, Rubem Braga, Mário de Andrade e Camilo Soares, entre outros. Colabora até 1956, quando volta para Porto Alegre. Deixa muitos amigos: Henrique Pongetti, Guilherme Figueiredo, Ibrahim Sued e Adolpho Bloch. Gheno é responsável por grandes contas na McCann, como Esso do Brasil e Coca-Cola. Um dos seus anúncios mais sugestivos foi criado para a campanha publicitária da SAS (Scandinavian Airlines System) – “Paris Comemora os seus 2000 Anos. Esteja Presente a esta Festa Voando pela SAS”. Colabora com a revista “O Cruzeiro” e continua a ser colaborador das Revistas “Sombra”, “Rio”, “Rio Magazine” e os Jornais “Correio da Manhã”, “Última Hora” e “O Globo”.

O ponto de encontro, no Rio, é o Vermelhinho, um bar na Cinelândia, que os artistas e intelectuais da época freqüentam: Gheno, Aldemir Martins, Djaniara, Darel, Maria Leontina, Xico Stockinger e muitos outros. No Vermelhinho, todos são amigos. Por indicação de Gheno, Xico viaja para Porto Alegre e passa a trabalhar no Jornal “A Hora”, junto com Lauro Schirmer e outros, onde Gheno também é colaborador. Maria Martins, escultora, embaixatriz, poeta, escritora, jor-

nalista e *femme du monde*, é sua grande amiga. Athos Bulcão e Gheno são amigos e freqüentam a casa da escultora em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Em 1952, realiza exposição individual na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), com apresentação do Escritor Guilherme Figueiredo, também seu amigo e colega na McCann. Dessa vez, expõe as aquarelas feitas em Paris. Mais uma vez, sucesso total. Todas as obras vendidas.

Em julho de 1955, a Varig passa a voar para os Estados Unidos com aeronaves modernas – Super G Constellation e 1049G Intercontinental –, com rotas entre o Rio de Janeiro e Nova Iorque. A pedido da empresa, Gheno cria os cardápios de bordo para esses vôos internacionais. Os temas de suas aquarelas são brasileiros: Salvador da Bahia, São Paulo, as praias do Rio de Janeiro, Belém do Pará e as Jangadas do Nordeste.

Armando e Bruno Michielon, primos de Gheno, moram no bairro das Laranjeiras, no Rio. São vizinhos de Paulo Werneck, pintor, desenhista e ilustrador, de quem Gheno torna-se muito amigo. Werneck contribuiu muito para o Modernismo e é o autor de mais de trezentos trabalhos, espalhados por todo o Brasil, feitos com a técnica de mosaico, introduzida por ele no País. Seus murais em mosaico integram projetos do Arquiteto Oscar Niemeyer e outros ilustres.

Retorna a Porto Alegre no fim de 1956 e fixa domicílio, mas continua viajando pelo Brasil a trabalho. Atua na embrionária agência de propaganda da Varig. Cria o projeto e decora a primeira loja comercial da Varig, para venda de passagens, na esquina da Av. Borges de Medeiros com a Rua dos Andradas, bem ao lado da Livraria do Globo, onde iniciara sua carreira profissional, vinte anos antes.

Trabalha na Standard e na MPM Propaganda. Colabora com o Jornal “A Hora”, depois de colaborar com o Jornal “Última Hora”, de Samuel Wainer, no Rio de Janeiro. Amigo de Wainer, Gheno freqüentava muito o Jornal onde Xico Stockinger trabalhava. Certa vez, Xico perguntou ao Gheno se ele sabia de algum trabalho em Porto Alegre, pois ele tinha vontade de morar no sul. Gheno, que sempre foi uma pessoa muito solícita com todos em geral e amigo de muitos, imediatamente tratou de contatar seus amigos conterrâneos em Porto Alegre, a fim de saber o que poderia proporcionar ao novo amigo. Em poucos dias, Xico recebeu telegrama no Rio, com o qual ficou sabendo que havia uma vaga para trabalhar no novo Jornal “A Hora”, em Porto Alegre. E assim veio para o sul, graças a Vitório Gheno.

Desde a permanência no Rio de Janeiro, de 1951 a 1956, Vitório desperta interesse pela decoração moderna de interiores. Decora seu próprio apartamento no Leme. Convive com o grande artista da arte mobiliária Joaquim Tenreiro (Fundação, 1999), português radicado no Rio, de quem se torna muito amigo. Ele tem uma fábrica de móveis e faz mobiliário para Oscar Niemeyer e para outros

grandes arquitetos do Rio. Dito pelo próprio Gheno, Tenreiro é um gênio e o acabamento dos móveis é impecável (Museu, 1998). Aprende muito com ele, principalmente a projetar a proporção correta do móvel, parte fundamental do *design* de mobiliário.

Profundamente interessado no *design* moderno e criador de peças e de mobiliários que primam pela simplicidade e funcionalidade, Gheno é um admirador da Bauhaus, uma das primeiras escolas de design, arquitetura e artes de vanguarda do mundo. Inicia na decoração de interiores, quando a palavra “decorador” ainda não era utilizada no Brasil. Assinou diversos projetos de decoração de interiores de residências, clubes, hospitais, bancos e hotéis em todo o País.

Em 1957, funda, em Porto Alegre, a primeira e melhor Loja de Decoração da cidade – GHENO –, que leva seu nome, na Rua 24 de Outubro, no bairro Moinhos de Vento. Movido por seu espírito inovador, traz para a sua própria loja a representação dos famosos móveis Forma, empresa paulista de mobiliário contemporâneo, criada em 1955, pelo casal Wolf. Nessa época, a Forma faz acordo com a Knoll International e traz para o Brasil peças de mobiliário assinadas por Harry Bertoia, Marcel Breuer, Mies Van der Rohe, Florence Knoll e Eero Saarinen.

Nesse período, Gheno assina o projeto de decoração da nova sede do Jockey Club do Rio Grande do Sul, inaugurada em 1959, em Porto Alegre. É a primeira vez que o mobiliário Forma é utilizado na Capital gaúcha, no pavilhão *paddock* do Jockey. Também assina a decoração de um dos cinemas mais chiques e charmosos da Cidade, o Cinema Coral, na Rua 24 de Outubro, em frente ao Parque, que hoje não funciona mais.

Já a essas alturas, Gheno dobra a década de 60 fundando, com Nardin e Mancuso, a Galeria Mondrian, no Instituto dos Arquitetos do Brasil.

Assina quatro projetos sucessivos de decoração da mais badalada boate de Porto Alegre, o famoso Encouraçado Butikin, que brilha por quase três décadas e é, por muito tempo, a principal referência dos artistas vindos do eixo Rio-São Paulo. Fundada por Rui Sommer, é inaugurada em 1965, com projeto de arquitetura e decoração do Arquiteto Milton Mattos, premiado no Salão de Arquitetura. Em 1968, é ampliada e decorada por Gheno, pela primeira vez. Entre os proprietários da boate estão Enio Lucas Nonnenmaker (Schullas) e Eduardo Alvares (Dudu), que fecha a casa em 1992. O nome original é Encouraçado Potenkim.

Nas décadas de sessenta e setenta, Gheno incentiva o Artesanato Mobiliário de Torres, no litoral norte do Rio Grande do Sul, orientando os artesãos na criação de peças de mobiliário, iniciativa que influencia todos os fabricantes de móveis daquela região. O artista também decora clubes de golfe, como o Clube Campestre de Pelotas e o Porto Alegre Country Club.

Na segunda metade da década de sessenta, Gheno inicia sua trajetória na decoração de hotéis. Passa meses viajando pela Europa, estudando hotelaria, área de seu maior interesse dentro da decoração, na qual é especializado e atua até hoje. Decora vários hotéis para redes hoteleiras do Brasil inteiro, como unidades da Rede Tropical de Hotéis, do Grupo Varig – Tropical Manaus, Tropical da Bahia, Tropical das Cataratas, Tropical Planalto e Tropical Grande Hotel –, e o Termas de Araxá. Para a Rede Plaza de Hotéis, decora o Plaza Porto Alegre, o Plaza São Rafael, o Plaza Itapema, o Plaza Caldas da Imperatriz e o Plaza Blumenau. Assina o projeto de decoração do Hotel Laje de Pedra, do Grupo Habitasul, considerado pelo próprio Gheno o hotel mais completo e sofisticado do Rio Grande do Sul naquela época. Cria, especialmente, todo o mobiliário para cada hotel que decora. Nas décadas de setenta e oitenta, cria centenas de litografias para a ambientação dos hotéis decorados. Os temas escolhidos quase sempre se referem à flora, à fauna e à arquitetura antiga das regiões onde os hotéis estão localizados. As litografias são criadas e impressas em um ateliê de arte muito conhecido em São Paulo e no Brasil inteiro chamado Glatt & Ymagos, onde vários artistas brasileiros, como Burle Marx, Darel, Fayga Ostrower e Volpi também trabalham. A atividade de decorador sempre foi paralela à de artista plástico.

Gheno valoriza outros artistas, criando verdadeiras galerias de arte nos hotéis que decora. Com esta idéia, orienta as diretorias na aquisição de coleções de arte relevantes para os hotéis. Para o Hotel Tropical da Bahia, foram adquiridas obras de artistas como Carybé, Hansen da Bahia, Di Cavalcanti e Mário Cravo. No Plaza São Rafael de Porto Alegre, orienta a aquisição, pela Rede, de obras de vários artistas brasileiros importantes como Glauco Pinto de Moraes, Glauco Rodrigues, Plínio Benhardt, Vasco Prado, Glênio Bianchetti, Goeldi, Xico Stockinger, Paulo Porcella, Danúbio Gonçalves, Aldemir Martins, Ernesto Frederico Scheffel, Carlos Antonio Mancuso e o argentino Vito Campanella, seu amigo. Além de hotéis, decora clubes e bancos: Jockey Club do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Country Club, City Bank, antigos Banco Lar Brasileiro e Banco Nacional do Comércio. Em 1974, funda a galeria Guignard no Hotel Plaza São Rafael, inaugurada com uma exposição individual sua, de grande sucesso. O nome escolhido é uma homenagem ao pintor, que foi seu amigo desde o fim da década de quarenta.

Contumaz pesquisador de antiguidades desde os tempos da Globo, coleciona peças antigas e raras. Essa atividade o leva a trabalhar, também, como antiquário, além de suas atividades como Artista Plástico e Decorador de hotelaria. Em sua loja de decoração, na Rua 24 de Outubro, nº 540, em Porto Alegre, Gheno mantém, além do antiquário, sua galeria de arte e seu ateliê.

Em 1980, ilustra e cria a capa para o livro de Mário Quintana “O Esconderijo do Tempo” (Quintana, 1980), editado pela L&PM. Muito amigos desde

os anos 1940, Gheno e Quintana foram colegas na Editora Globo e nos Jornais “Correio do Povo” e “Folha da Tarde”.

Em 1987, recebe agradecimento pessoal da Princesa Anne, da Inglaterra, quando essa, em sua passagem pelo Hotel das Cataratas, elogia suas litografias. Presenteada, a nobre leva uma litografia para a Inglaterra.

Na década de noventa, decora o Máster Executivo, o Grande Hotel Express e o Holiday Inn – da Rede Máster de Hotéis, do Grupo Isdralit. Também, decora o novo bloco do Instituto de Cardiologia em Porto Alegre, criando um ambiente totalmente inusitado dentro do Hospital do Coração, proporcionando aos pacientes uma sensação de bem-estar, baseado em cores “pastéis” e em suaves aquarelas bucólicas sobre o interior do Rio Grande do Sul.

De 1999 a 2001, decora, totalmente, o Tropical Grande Hotel e Termas de Araxá, em Minas Gerais, hotel tombado pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico) de Minas Gerais e administrado pela Rede Tropical de Hotéis até 2004. Esse Hotel, inaugurado pelo Presidente Getúlio Vargas, em 1944, é fechado para reformas em 1994. Em 2004, inicia a redecoração do Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre, que já havia sido totalmente decorado por Gheno na década de setenta, e assina, também, o projeto de decoração e criação do mobiliário do novo Bahia Plaza Resort, em Camaçari, na Bahia.

Desde os quatorze anos, quando ingressou na Livraria do Globo, Gheno nunca parou de criar. Tem domínio sobre as mais diversas técnicas: aquarela, guache, têmpera, nanquim, bico-de-pena, óleo, acrílico, litografia, aguadas, água-forte, sangüíneas, grafite, creiom, etc. Sua produção artística é extraordinária, e suas obras estão espalhadas em vários países.

Continua criando capas e ilustrando livros. Entre os últimos livros ilustrados estão “Crônicas em Dois Tempos”, de Maria Tereza Druck Bastide (Bastide, 2001); “O Pãozinho se Parte com as Mãos”, de Célia Ribeiro (Ribeiro, 2001), e “Sua Majestade, o Deserto”, de Magda Raupp e Dione Pasquotto (Raupp, 2003).

Em 21 de março de 2006, quando Porto Alegre completou seus 234 anos de idade, Vitório Gheno recebeu a condecoração A Medalha Cidade de Porto Alegre, da Prefeitura Municipal.

Gheno recebeu, também, em 31 de outubro de 2006, da direção da Rede Pampa, do Jornal “O Sul” e da rede de supermercados Nacional o prêmio “O Sul, Nacional e os Livros”, eleito o “Ilustrador do Ano” pela comissão julgadora presidida pela Câmara Rio-Grandense do Livro.

Vitório Gheno adora esportes. Pratica golfe há 45 anos. Torce pelo Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense. É fiel ao que pensa. É livre para criar. O bom senso é seu guia. Seu bom humor é inalterável. Aposentar-se? Jamais. Idade? Não

existe. A vida é seu altar. Mora em Porto Alegre, trabalha em todo o Brasil e joga-se no futuro à cata do tempo que ainda não passou.

Principais exposições individuais:

- Galeria Studio Os Dois – Porto Alegre/RS, 1947;
- Galeria Casa das Molduras – Porto Alegre/RS, 1949;
- Galeria do Auditório do Correio do Povo – Porto Alegre/RS, 1949;
- Associação Brasileira de Imprensa (ABI) – Rio de Janeiro/RJ, 1952;
- Livraria do Globo – Porto Alegre/RS, 1960;
- Galeria Mondrian Atelier de Arte/IAB – Porto Alegre/RS, 1965;
- Torres Praia Clube (Clubinho) – Torres/RS, 1968;
- Galeria Guignard (Plaza São Rafael) – Porto Alegre/RS, 1974;
- Galeria Independência – Porto Alegre/RS, 1979;
- Galeria Alencastro Guimarães – Porto Alegre/RS, 1988;
- Galeria Bolsa de Arte – Porto Alegre/RS, 1990;
- Galeria Manzione – Punta Del Este/Uruguai, 1992 e 1993;
- Galeria Mosaico – Porto Alegre/RS, 1992;
- Espaço de Arte Mediterrâneo – Porto Alegre/RS, 1996;
- Escritório de Arte Alto da Bronze – Porto Alegre/RS, 1997;
- Galeria Garagem de Arte – Porto Alegre/RS, 2001;
- Margs (Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli) – “6 Décadas de Arte de Vitório Gheno” – Porto Alegre/RS, out/nov 2006.

Principais hotéis decorados no Brasil:

- Plaza Porto Alegre – Porto Alegre/RS, déc. 60;
- Tropical Planalto – São Paulo/SP, déc. 70;
- Plaza São Rafael – Porto Alegre/RS, déc. 70;
- Plaza Itapema – Itapema/SC, déc. 70;
- Plaza Blumenau – Blumenau/SC, déc. 70;
- Plaza Caldas da Imperatriz – Caldas da Imperatriz/SC, déc. 70;
- Hotel Nacional – Brasília/DF, déc. 70;
- Hotel Nacional – Rio de Janeiro/RJ, déc. 70;
- Hotel Laje de Pedra – Canela/RS, déc. 70;
- Tropical da Bahia – Salvador/BA, déc. 80;
- Tropical Manaus – Manaus/AM, déc. 80;
- Tropical das Cataratas – Foz do Iguaçu/PR, déc. 80;
- Crisul Hotel – Criciúma/SC, déc. 80;

- Hotel Açores – Camboriú/SC, déc. 80;
- City Hotel – Porto Alegre/RS, déc. 80;
- Grande Hotel Express – Porto Alegre/RS, déc. 90;
- Master Executivo – Porto Alegre/RS, déc. 90;
- Holiday Inn – Porto Alegre/RS, déc. 90;
- Tropical Grande Hotel e Termas de Araxá – Araxá/MG, déc. 90;
- Plaza São Rafael – Porto Alegre/RS, 2004;
- Bahia Plaza Resort – Camaçari/BA, 2005.

Sala das Sessões, 3 de janeiro de 2007.

VEREADOR JOÃO ANTONIO DIB

PROJETO DE RESOLUÇÃO

**Concede a Comenda Pedro Weingärtner
ao Artista Plástico Vitorino Gheno (Vitório
Gheno).**

Art. 1º Fica concedida a Comenda Pedro Weingärtner ao Artista Plástico Vitorino Gheno (Vitório Gheno), nos termos da Resolução nº 1.244, de 15 de agosto de 1994.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.